

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
LICENCIATURA

ALYSSON VINICIUS DA SILVA FERREIRA DE LIMA  
CRISTIANO LIMA DE LIRA  
JAZIEL LUCAS SILVA DO NASCIMENTO

**AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOMOTRICIDADE EM  
ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO  
AUTISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

RECIFE/2023

ALYSSON VINICIUS DA SILVA FERREIRA DE LIMA  
CRISTIANO LIMA DE LIRA  
JAZIEL LUCAS SILVA DO NASCIMENTO

**AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOMOTRICIDADE EM  
ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO  
AUTISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro –  
UNIBRA, como requisito final para obtenção do título de  
Graduado em Educação Física

Professor Orientador: Prof. Dr. Edilson Laurentino dos Santos.

RECIFE/2023

Ficha catalográfica elaborada pela  
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

L732c Lima, Alysson Vinicius da Silva Ferreira de.  
As contribuições da psicomotricidade em alunos com transtorno do espectro autista no ensino fundamental / Alysson Vinicius da Silva Ferreira de Lima; Cristiano Lima de Lira; Jaziel Lucas Silva do Nascimento. - Recife: O Autor, 2023.  
21 p.  
Orientador(a): Dr. Edilson Laurentino dos Santos.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA. Licenciatura em Educação Física, 2023.  
Inclui Referências.  
1. Psicomotricidade. 2. Autismo. 3. Ensino fundamental. I. Lira, Cristiano Lima de. II. Nascimento, Jaziel Lucas Silva do. III. Centro Universitário Brasileiro. - UNIBRA. IV. Título.

CDU: 796

*Dedicamos esse trabalho a nossos pais e parentes que estiveram dando todo o suporte necessário no decorrer do trabalho.*

*Do lado de fora, olhando pra dentro, você  
nunca poderá entender-lo. Do Lado de  
dentro, olhando pra fora, você jamais  
conseguirá explicar-lo. Isso é autismo.  
(Autism Topics)*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>10</b>
<b>3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....</b>	<b>14</b>
<b>4 RESULTADOS.....</b>	<b>16</b>
<b>4.1 Um breve histórico sobre o Transtorno do Espectro do Autista no Brasil.....</b>	<b>19</b>
<b>4.2 Dialogando com os autores selecionados. ....</b>	<b>22</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>26</b>

## AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOMOTRICIDADE EM ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Alysson Vinicius da Silva Ferreira de Lima

Cristiano Lima De Lira

Jaziel Lucas Silva Do Nascimento

Edilson Laurentino dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** A história do transtorno do espectro autista tem um grande embasamento teórico. Pela sua delicadeza e por não ser tão compreendida a sua causa, os estudos, debates e diagnósticos foram evoluindo gradativamente. Refletir sobre a inclusão de crianças com transtorno do espectro autista nas escolas é de extrema importância para a sociedade, pois nos dias de hoje ainda vivenciamos o preconceito com esse grupo. A psicomotricidade tem sido de extrema importância para alunos com TEA no ensino fundamental, por colaborar bem em vários aspectos do seu desenvolvimento. Existe uma carência de professores ou profissionais adequados para o trabalho com esse público pela dificuldade e capacitação. A pesquisa tem como objetivo geral analisar as contribuições da psicomotricidade no desenvolvimento motor, cognitivo e social em alunos com TEA no contexto do ensino fundamental. A psicomotricidade é de extrema importância para esses alunos, por necessitarem de desenvolvimento focado nessa área.

**Palavras-chave:** Psicomotricidade. Autismo. Ensino Fundamental.

### 1 INTRODUÇÃO

O autismo é um termo originário do grego “autos” que significa “próprio” (SOUZA; SANTOS, 2005). A apresentação do termo autismo foi dada pelo psiquiatra Eugen Bleuler no ano de 1911, no tratado psiquiátrico de Gustav Aschaffenburg, enquanto buscava por sintomas de esquizofrenia em adultos (CUNHA, 2012, p. 20). Um estudo com 11 crianças foi desenvolvido por Kanner onde mostravam as diferenças no relacionamento e comportamento de crianças até os primeiros 2 anos de suas vidas, com outras crianças e adultos (BRASIL, 2013, p. 17). Também foi concluído que as pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) têm uma incapacidade pessoal de demonstrar o contato afetivo habitual e esperado por pessoas, não excluindo a seriedade dos aspectos do seu desenvolvimento (KANNER, 1943).

O TEA ou autismo, como é conhecido, não está relacionado a uma doença mas a um transtorno comportamental que não tem uma causa específica e possui características aparentes, como dificuldade de comunicação, distúrbios de

linguagem, demora na aquisição da fala, dificuldade de socialização e compreensão no aprendizado (APA, 1994; LOURENÇO et al., 2016).

Na infância o TEA dificulta o desenvolvimento motor e cognitivo da criança que se encontram um pouco distorcidos, e crianças com o transtorno também costumam apresentar condições de desordens sensoriais (KLIN, 2006).

Surgiu em 1870 um estudo na área da neurologia, que buscava explicações para alguns fenômenos clínicos, seu nome é dado como psicomotricidade. Focado no desenvolvimento motor da criança, a psicomotricidade no seu surgimento, estudava o desenvolvimento motor e intelectual (AQUINO et al., 2012). A psicomotricidade é um estudo que busca entender o ser humano no contexto dos seus movimentos, considerando melhorias no seu desenvolvimento geral (ARAÚJO, 2013).

Por contribuir muito para o processo de aprendizagem, a psicomotricidade garante aos seus praticantes a possibilidade de conhecer o seu corpo, o ambiente que o indivíduo está inserido, e a melhora integral do ser humano. A psicomotricidade também é um importante estudo quando utilizado na prática educativa de crianças com TEA, por colaborar no desenvolvimento motor, cognitivo, social e afetivo em suas atividades. E por serem características do TEA, ter dificuldade no desenvolvimento dessas partes, a psicomotricidade tende a auxiliar no desenvolvimento dos alunos, melhorando sua qualidade de vida (AQUINO et al, 2012; GOMES, 2013).

A psicomotricidade nas aulas de educação física visa o desenvolvimento e a aprendizagem da criança com TEA por brincadeiras, incentivando o conhecimento corporal e a inclusão, levando em consideração as interações sociais que o aluno terá durante a aula, oferecendo ao aluno vários benefícios não só sociais mas também ampliando seu repertório motor (OLIVEIRA, 2010).

Atividades de psicomotricidade proporcionam ao aluno com TEA melhorias efetivas no seu desenvolvimento motor, socialização, melhora na comunicação, fazendo com que a criança explore melhor o ambiente e a sociedade ao seu redor (CUNHA, 2012).

É relevante que a psicomotricidade seja incluída na escola nos primeiros anos, para dar ênfase à educação psicomotora dos alunos, por incentivar a criança a ter uma boa percepção do seu corpo, da lateralidade e a coordenação dos movimentos é importante ser implementada na infância do aluno (LE BOULCH,

1984).

Contudo, a psicomotricidade se mostra como uma importante ferramenta de trabalho em crianças com TEA, podendo contribuir no desenvolvimento de diversas partes das suas habilidades necessárias, como as motoras, cognitivas emocionais e consequentemente ajuda na inclusão social dos indivíduos.

No contexto escolar, a psicomotricidade está sendo cada vez mais valorizada para promover o desenvolvimento global dos alunos que, por ter atividades lúdicas, pode ser relacionada aos alunos com TEA no ensino fundamental.

Estudos afirmam que a psicomotricidade pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos alunos do ensino fundamental, pois cativa uma exploração do corpo e do ambiente, estimula a atenção, às percepções sensoriais e a memória, além de auxiliar no controle e nas expressões emocionais. Para Downey e Rapport (2012), as atividades podem contribuir na minimização de comportamentos repetitivos e contribuir nas habilidades de coordenação motora, grossa e fina em crianças com TEA.

A pesquisa tem como questão central de análise, a seguinte problematização: **Como a prática da psicomotricidade auxilia no desenvolvimento social, emocional e cognitivo em alunos com TEA no ensino fundamental?** Diante da questão levantada, foram traçados os objetivos da pesquisa, e tem como objetivo geral: **Identificar as contribuições da psicomotricidade no desenvolvimento motor, cognitivo e social em alunos com TEA no contexto do ensino fundamental.** E objetivos específicos: **1. Analisar as principais características do Transtorno do Espectro Autista que afetam o desenvolvimento psicomotor dos alunos no ensino fundamental 2. Apresentar os conceitos científicos sobre autismo e o conceito do Transtorno do Espectro Autista na visão dos autores.**

E assim justifica-se que a reflexão sobre inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas tem aumentado muito nos últimos anos, e assim necessitando de estratégias dos docentes envolvidos para impulsionar o desenvolvimento desses alunos. Nesse ponto, a psicomotricidade vem sendo estudada como uma maneira de auxiliar no desenvolvimento das habilidades dos alunos com TEA, mantendo foco no contexto do ensino fundamental.

É necessário a capacitação de profissionais e professores para atuar nessa área, por toda importância da psicomotricidade no desenvolvimento de pessoas com TEA, contudo ainda há poucos estudos relacionados ao tema. Com isso a pesquisa

contribui com conhecimentos sobre o tema e relata as contribuições e a importância da psicomotricidade no desenvolvimento integral de crianças com TEA no ensino fundamental, destacando e incentivando o uso da psicomotricidade para esse público.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Transtorno do Espectro Autismo (TEA)**

Em 1911, Eugen Bleuler iniciou um estudo que se referia ao termo Autismo que descreve a fuga da realidade para um mundo interior (CUNHA, 2012, p. 20). Já o austríaco Leo Kanner, observou o comportamento de criança internadas na ala psiquiátrica de um hospital, notou a diferença entre os que já foram documentados na literatura da psiquiatria até o momento, publicou o estudo e indagou “a incapacidade de se relacionarem de maneira normal com pessoas e situações, desde o princípio de suas vidas” (BRASIL, 2013, p.17). “Tais crianças estavam sempre distanciadas umas das outras e pareciam manter uma relação não funcional com os objetos, inclusive brinquedos” (SUPLINO, 2009 p.19).

Eugen Bleuler, não concordava com alguns quadros apresentados no estudo de Kanner, partindo da opinião da coletividade científica da época. Ele discordava que crianças com TEA não tenham capacidade para conviver em sociedade e nem para reagir aos eventos da vida. Com isso, adultos com autismo não teriam imaginação e Eugen Bleuler afirmava que as pessoas com TEA viviam apenas no seu próprio mundo (RODRIGUES; SPENCER, 2010, p. 19).

Anos depois, em 1944, Hans Asperger fez um estudo com crianças de até 3 anos que apresentavam sinais parecidos com os demonstrados no estudo de Kanner e chamou de “psicopatia autista”. No seu estudo ele identificou semelhanças em alguns aspectos, mas as crianças apresentavam inteligência superior, interesses excêntricos e habilidades únicas e definiu como Síndrome de Asperger (CUNHA, 2012).

Pessoas com TEA podem apresentar memória de curta duração, mas em alguns casos pode desenvolver uma longa duração se for exercitada e utilizada. Essa dificuldade de memória pode fazer com que pessoas com TEA não tenham uma boa comunicação por não ter um vocabulário extenso e não conseguir se

expressar muito bem, dificultando sua comunicação para coisas essenciais do seu dia. O interesse seletivo e o hiperfoco podem atrapalhar no seu entendimento da situação a sua volta, sem entender o que as pessoas conversam ou fazem, por estar focado em algo que lhe chamou atenção no momento (LABANCA, 2000).

No Brasil entrou em vigor em 2020 a lei Romeu Mion (Lei nº 13.977), que garante de forma gratuita o acesso a uma carteira de identificação da pessoa com TEA, a fim de garantir os seus direitos previstos pela lei Berenice Piana (FERNANDES, 2015).

## **2.2 A criança autista no Ensino Fundamental II.**

Nem sempre a criança autista esteve inserida no ensino regular de forma inclusiva através de uma Lei que garantisse este acesso. No entanto, a partir da criação do capítulo 5 da Lei nº 939 de 1996, o Transtorno do Espectro Autista, assim como outros transtornos e deficiências, as escolas passaram a ter que incluir as crianças preferencialmente no ensino regular qualquer, seja ela especial ou não (BRASIL, 1996). Devendo haver o apoio necessário para a integração escolar, seja apoio material, educacional, técnico ou de recursos humanos.

Este foi um grande avanço para crianças autistas, tanto no que tange o ensino quanto às relações, tendo em vista que poderão se relacionar com qualquer criança que esteja no mesmo ambiente, minimizando o isolamento social. Para Feliciano (2022) as metodologias pedagógicas para as crianças devem seguir, por vezes, uma maneira diferente do ensino regular, sendo necessária a adaptação de mais explicações de forma lúdica, mesclando com outras maneiras de ensinar. Fazendo com que a aula seja mais atrativa e traga a atenção do sujeito ao que está sendo colocado.

A mesma autora explica que para criar o plano pedagógico é importante observar como a criança se comporta, como ela costuma aprender mais e de que forma pode ser inserida uma educação que abranja a mesma. Pois incluir quer dizer trazer a fazer parte da mesma forma que os demais, com equidade para considerar as especificidades. No entanto, o processo do ensino fundamental II deve ser de trazer maior autonomia para que a criança possa aprender.

Para além de conhecer técnicas para os alunos autistas, estes precisam ser conhecidos com suas particularidades e sobre seu transtorno, as características do

mesmo, como ele afeta o social, qual o nível de apoio que esta criança tem, como ela se comporta em seu dia a dia, como se dá a sua interação com outras crianças, dentre outros pontos. Pois apenas o desejo de ensinar não é suficiente para lidar com a escolarização da criança autista (CABRIO; CARNEIRO, 2017).

Sendo assim, a criança no espectro é fruto de muita angústia, seja dela mesma sobre se perceber diferente, seja da família pelo medo do que a criança pode passar no ensino, ou seja da escola por talvez se achar insuficiente para lidar. Por isso, o cuidado e ensino no fundamental II precisa ser realizado de uma forma conjunta e interdisciplinar: escola, sociedade, família, terapeutas e outros profissionais.

A criança autista no ensino fundamental II pode apresentar algumas características mais visíveis que fazem com que seus cuidados precisam desse conjunto de atores, como por exemplo: dificuldades da fala (necessitando de recursos lúdicos), dificuldade de se relacionar com outros (se isolando ou podendo agir com agressividade, ou até mesmo tendo apenas 1 amigo), dificuldades para leitura (sendo melhor incrementar desenhos ou outras formas de apresentação, como gestos), riscos de alterações de humor (MORAIS; ANJOS, 2016).

As mesmas autoras explicam que as crianças autistas possuem maior sensibilidade em seus sentidos, sendo necessário um ambiente não muito barulhento, que as mudanças ocorridas no ambiente sejam mínimas ou não ocorram de forma súbita, entre outras formas. Dessa forma, cabe ao professor ou professora ter conhecimento e calma para auxiliar a criança a progredir.

### **2.3 A psicomotricidade no desenvolvimento motor de alunos com TEA.**

A Psicomotricidade é uma atividade pedagógica que desenvolve o movimento relacionado com as interações psíquicas e cognitivas de cada pessoa (SILVA, 2019). Ao brincar, pular, correr, seja por jogos ou exercícios elaborados a psicomotricidade, é um trabalho produtivo que contribui drasticamente no desenvolvimento do sujeito. Segundo o aluno que demonstra dificuldades na coordenação motora fina, rapidamente deve ter como alternativa o trabalho de desenvolvimento psicomotor, que é interligado com o cognitivo. Visto que a partir do ato psicomotor que são reproduzidos os movimentos do corpo, incluindo a inteligência.

As atividades que envolvem a psicomotricidade além de ter a possibilidade do aluno aprimorar suas capacidades físicas e mentais, o trabalho de desenvolvimento psicomotor é importante porque ele auxilia a maneira de ensinar de forma lúdica e

divertida, sendo muito prazerosa para todos os alunos, e com essa ideia de aprender brincando, o aluno pode se beneficiar ainda mais por não ser algo robotizado e sim uma aula que chame atenção do aluno (CUNHA 2012). A psicomotricidade auxilia também a socialização trabalhando a inclusão dos alunos, desenvolvendo a comunicação entre todos no mesmo ambiente, principalmente entre aluno e professor, fornecendo uma visão maior para o público autista que tem essa dificuldade de comunicação, incluindo o aluno na sociedade, algo que é muito negligenciado hoje em dia. O âmbito escolar é extremamente propício para as aulas diferentes trazendo a psicomotricidade como base para desenvolver noções das capacidades do seu corpo, e melhorando a sua noção de lateralidade e noção de espaço, algo que é muito importante para a sua evolução (CUNHA 2012).

#### **2.4 O professor de educação física na aplicação da psicomotricidade para alunos autistas.**

A educação física é uma área que abrange aspectos biológicos, sociológicos, psicológicos e culturais e a conexão entre eles, apresentando um papel exatamente importante no desenvolvimento intelectual e motor, fortalecendo a ideia de viver em sociedade de forma Afetiva (STRAPASSON, CARNIEL, 2007). O exercício físico trabalhado na educação física é primordial que aconteça uma intervenção com o objetivo que essas crianças com TEA não continuem com certas dificuldades psicomotoras, afetivas, cognitivas e de interação, deixando claro que a educação física é uma forma eficaz de desenvolver a capacidade de fortalecer a socialização das crianças autistas, facilitando a sua evolução (GORLA 2001).

O professor de educação física, então deve basear suas atividades no que a criança minimamente gosta e não impondo atividades que ela nunca teve afetividade e interesse, mas podendo acrescentar gradativamente de forma lúdica, de acordo com a adaptação da criança (MARQUEZE, MAVAZZI, 2011).

Segundo Tomé (2007) o profissional de educação física deve utilizar formas coerentes com a realidade de cada criança, caso contrário vai deixar extremamente difícil a aprendizagem causando frustrações. É necessário dessa forma, uma área que não tenha muito estímulo auditivo e muito menos visual, porque o aluno pode se distrair e acaba perdendo o interesse pelo que realmente é importante naquele momento que são as atividades. As aulas e atividades devem ser realizadas de acordo com a idade cronológica, planos de aula com começo, meio e fim, como

saltos, lançamento, jogos de bola, circuito de obstáculos ajudam no desenvolvimento motor.

As aulas de educação física para os alunos autistas é interessante que tenha um objetivo participativo, e não a perfeição do movimento e regras como o esporte de alto rendimento, isso afasta os alunos dificultando a realização das atividades por medo de errar ou simplesmente por não conseguir, e acaba frustrando os alunos, entendendo que cada um possui a sua individualidade na questão da aprender, o interesse em atividades lúdicas é muito maior pelo motivo de ser algo atrativo para todos incluindo a diversão na hora das atividades, a educação física na vida de alunos com TEA pode contribuir na convivência afetiva, melhorando a sua capacidade de se relacionar e demonstrar afeto perante seus conhecidos, melhorando seu convívio social, porém conhecer os alunos é um papel importante no desenvolvimento deles, entender quais são seus gostos, e dificuldades físicas e mentais mas principalmente comunicativas para uma maior compreensão (TOMÉ 2007). E algumas das atividades que podem ser trabalhadas nas aulas de educação são subida e descida do banco e pneu, mudança de direção direita pra esquerda, saltos, lançamento, equilíbrio estático e dinâmico, chutes ao gol, agarrar, quicar, esquivar, rolar e correr são algumas das atividades que o professor pode trabalhar a psicomotricidade de alunos com TEA com foco no seu desenvolvimento motor, cognitivo e social (LABANCA, 2000).

### **3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO**

Foi realizado um estudo de natureza qualitativa, já que a pretensão não é de quantificar os dados, mas analisá-los os sentidos e significados. Conforme Minayo (2010) a pesquisa qualitativa: Se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001). Segundo Godoy, a pesquisa qualitativa é descritiva. Onde nesses casos o destaque é a palavra escrita que tem um papel fundamental tanto na pesquisa e obtenção dos dados quanto nos resultados. Os dados são coletados de transcrições de revistas, fotografias, entrevistas escritas, pesquisas anteriores, artigos e vários tipos de

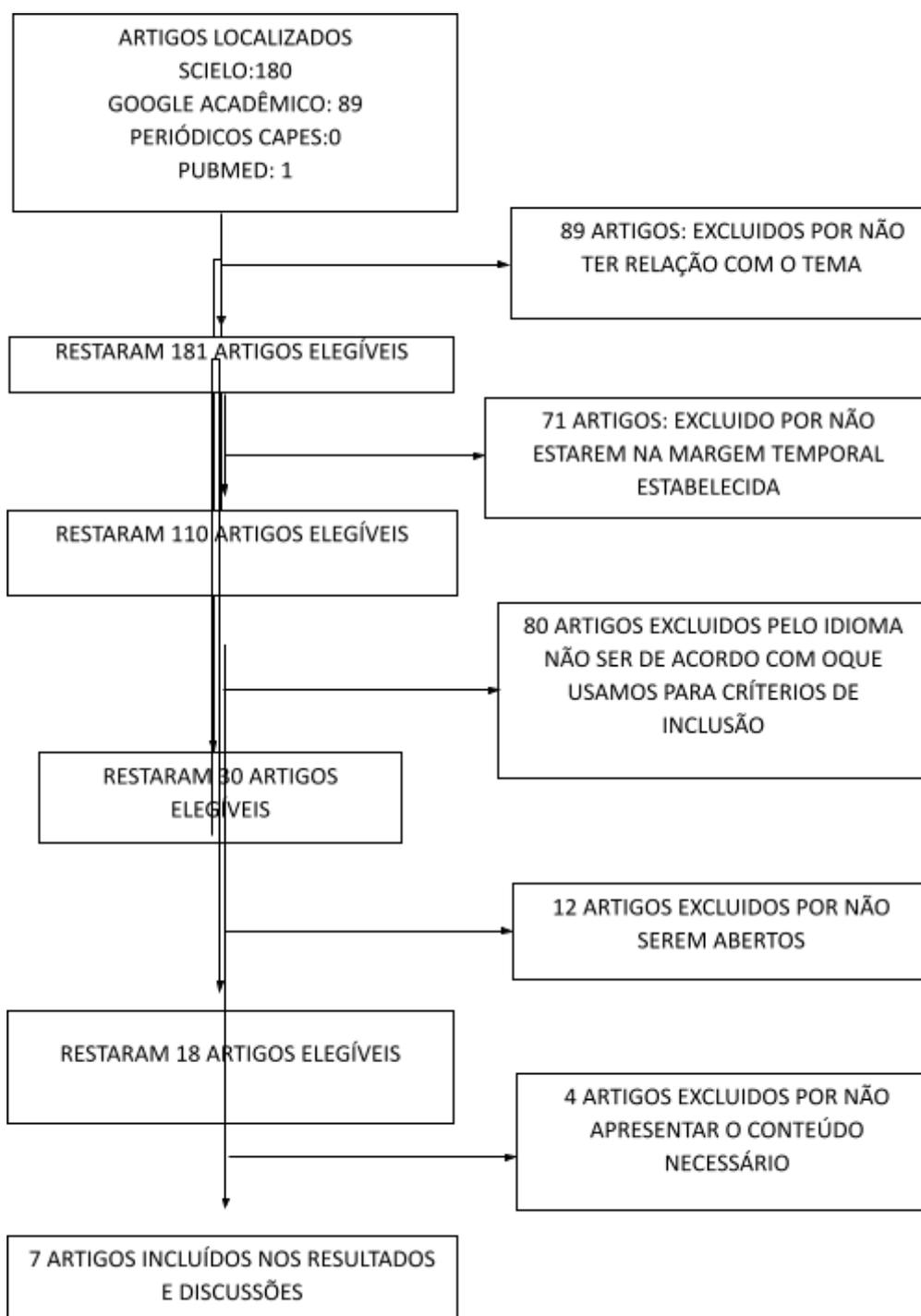
documentos. Os pesquisadores estão interessados na maioria das vezes em como determinado fenômeno se manifesta em relação aos procedimentos, interações diárias (GODOY, 1995). Foi realizada uma pesquisa bibliográfica para identificar estudos que tratam do tema investigado. Esse tipo de pesquisa é elaborado por meio de trabalhos já executados por outros autores, cujos interesses conferidos eram os mesmos. Gil (2010) aponta as suas vantagens afirmando que: A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários (GIL, 2010). Para conhecer a produção do conhecimento acerca das contribuições da psicomotricidade em alunos com transtorno do espectro autista no ensino fundamental.

Foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados eletrônicas Pubmed e Scielo. Como descritores para tal busca, foram utilizados os seguintes descritores: “Psicomotricidade”, “Ensino fundamental” e “Transtorno do espectro autista”, e os operadores booleanos para interligação entre eles foram: AND e OR. Os critérios de inclusão do uso dos artigos foram: 1) estudos publicados dentro do recorte temporal de 2010 a 2023; 2) estudos com conteúdo dentro da temática estabelecida; 3) artigos na Língua Portuguesa (ou outra língua); 4) artigos originais. Os critérios de exclusão do uso dos artigos foram: 1) estudos indisponíveis na íntegra; 2) estudos com erros metodológicos; 3) estudos repetidos.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O presente estudo trará resultados e discussões apresentando os conceitos buscados pelos autores em seus estudos a fim de atingir os objetivos traçados e fundamentar sobre o tema. Seguindo os parâmetros previstos no nosso delineamento metodológico e utilizando critérios de inclusão e exclusão dos artigos foi feito o fluxograma apresentado na figura 1. No quadro 1, foram apresentados os resultados encontrados nos levantamentos bibliográficos apresentando os autores, objetivo, tipo de estudo, população investigada e resultados de cada artigo selecionado

**Figura 1 Fluxograma de busca dos trabalhos**



**Quadro 1:** Resultados encontrados nos levantamentos bibliográficos.

AUTORES	OBJETIVOS	TIPO DE ESTUDO	POPULAÇÃO INVESTIGADA	RESULTADOS
LORDANI, Silvia Fernanda de Souza;	Investigar as práticas pedagógicas realizadas por	Pesquisa qualitativa por meio de questionário.	Docentes da educação infantil de uma escola pública	Apesar de 100% dos professores relataram que trabalharam com

BLANCO, Marília Bazan.	docentes da Educação Infantil de uma instituição pública de educação infantil, visando identificar de que forma estes trabalham a psicomotricidade em sala de aula.		do Estado do Paraná.	psicomotricidade em sala de aula com seus alunos, o questionário avaliou que ela não é trabalhada na sua integralidade com os alunos.
FÉLIX, Maria Izabel da Silva; MELO, Gilcerlandia Pinheiro Almeida Nunes.	Geral: estudar a utilização da psicomotricidade como uma ferramenta na promoção do desenvolvimento global da criança na Educação Infantil. Específicos: promover uma reflexão sobre o conceito de psicomotricidade e sua relação com o desenvolvimento infantil; apresentar caminhos para trabalhar com as atividades psicomotoras e pensar o papel dos docentes no planejamento e uso da psicomotricidade com as crianças da Educação Infantil.	Pesquisa exploratória de campo.	Membros da educação infantil de uma escola do Rio Grande do Norte.	Verificou-se que na creche não havia uma educação voltada ao desenvolvimento psicomotor de forma consciente por parte dos educadores, mesmo que esses, em entrevista, tenham demonstrado compreender o que é psicomotricidade e a importância dela para as crianças da educação infantil.
RIBEIRO. Thainá Lobato; FERNANDES, Raiana Nunes; MARQUES, e William dos Santos.	Geral: Conhecer como os jogos e brincadeiras podem contribuir para a intervenção psicomotora de uma criança com dificuldade. Específicos: Analisar as contribuições do lúdico para o desenvolvimento psicomotor; identificar uma	Estudo de caso e pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológica .	Uma criança de 7 anos que apresentava dificuldades de coordenação motora fina.	As intervenções e observações demonstraram ser possível que dificuldades psicomotoras sejam sanadas com o auxílio do lúdico, de jogos e brincadeiras que trabalhem de forma prazerosa e dinâmica as dificuldades.

	criança com dificuldade psicomotora; propor uma ação lúdica para intervir na dificuldade encontrada.			
SANTOS, Évelyn Crys Farias; MELO, Tainá Ribas.	Geral: Verificar o desenvolvimento psicomotor de uma criança autista por meio da avaliação pela Escala de Desenvolvimento Motor (EDM); Específicos: Descrever o perfil psicomotor geral e em cada área específica descrever os principais desafios da avaliação fisioterapêutica em crianças com TEA.	Estudo de caso descritivo.	Um menino de 10 anos com diagnóstico de autismo.	A criança apresentou idade motora inferior em média 2 anos a menos do que a idade cronológica, demonstrando, através do uso da EDM atraso no seu desenvolvimento psicomotor.
MELO, Jailma Sousa et al.	Avaliar a influência da psicomotricidade no desenvolvimento de crianças com TEA.	Pesquisa de campo descritiva de abordagem qualitativa.	Crianças do sexo masculino que tinham entre 7 e 12 anos com diagnóstico de TEA.	A utilização da psicomotricidade nas aulas de educação física adaptada pode ser uma excelente estratégia para o alcance de melhores resultados no desenvolvimento global e de crianças com TEA.
CATELLI, Carolina Quedes; ASSOS, Silvana Blascovi; D'ANTINO, Maria Eloisa.	Descrever e analisar as experiências de professores de educação física na inclusão de alunos com TEA em escolas estaduais da cidade de São Paulo.	Pesquisa metodológica qualitativa e revisão de literatura.	Professores da área de Educação Física.	Os resultados apontaram a grande dificuldade que os profissionais têm em relação ao trabalho com alunos TEA, seja pela falta de informação, formação, falta de apoio da gestão escolar e discussão multidisciplinar que afeta diretamente o aluno.

#### **4.1 Um breve histórico sobre o Transtorno do Espectro do Autista no Brasil.**

No início das pesquisas, o autismo era relacionado com várias doenças estudadas pela psiquiatria em 1911, porém o psiquiatra Eugen Bleuler destrinchou o termo autismo e o termo vem do grego “autos” que significa a fuga da realidade para um mundo inferior, em 1943 alguns anos após o surgimento do termo correto, o psiquiatra Leo Kanner iniciou seu estudo analisando crianças internadas na ala psiquiátrica de um hospital, as mesmas tinham sinais de uma doença não relatada nos estudos atuais da época, os sinais eram atraso no surgimento da fala, dificuldade motora e cognitiva, e uma dificuldade de se relacionar e demonstrar afeto, o surgimento era logo no início de suas vidas, no 2º ano de vida já apresentavam os sinais (CUNHA, 2012, p. 20).

Hans Asperger desenvolveu um estudo observando crianças de até 3 anos que tinham sinais parecidos aos relatados no estudo do psiquiatra Leo Kanner e nomeou de psicopatia autista. Ele descobriu que essa semelhança tinha conexão em vários aspectos nas crianças observadas no estudo, Como inteligência superior em alguns casos, interesse excêntrico, falta de empatia para com os outros, movimentos descontrolados e repetitivos, e assim foi definida como síndrome de Asperger (CUNHA, 2012, P. 23).

Segundo Labanca (2000) os autistas normalmente apresentam uma memória um tanto quanto momentânea de curta duração, embora exista casos a parte que pode ocorrer de desenvolver uma longa duração, se for, repetida diversas vezes, estimulada e utilizada. Pelo fato da sua dificuldade de memória as pessoas com TEA não tem uma boa comunicação por não ter um vocabulário comum e não saber expressar a sua verdadeira vontade, e isso acaba dificultando o seu convívio social com as demais pessoas, e suas reais necessidades pessoais não é entendida, e seu comportamento diante de outras pessoas pode soar até como grosseiro, as pessoas com TEA acabam focando muito em algum assunto ou objeto do seu interesse e ficam falando repetidas vezes sobre o mesmo assunto, e não prestam atenção no que as outras pessoas estão falando, e ignoram tudo o que não for relacionado com o assunto específico.

O maior problema é que essas pessoas não sabem explicar o que estão sentindo ou tentando dizer e fazer, apresentando um tipo de linhagem extremamente distorcida dificultando o entendimento das pessoas em sua volta. Dessa forma o real problema do autismo está ligado ao seu mental, seja por suas ações que na maioria das vezes é inusitada e equivocada de forma negativa, ou pela sua dificuldade de expressar seus sentimentos de forma antipática fora do comum, entretanto o professor de educação física pode beneficiar esse público específico(VILA; DIOGO, SEQUEIRA, 2009).

De acordo com Tomé (2007) o profissional de educação física pode desenvolver de maneira psicomotora a parte mental do aluno com autismo, trabalhando as suas faculdades cognitivas que é onde o aluno com autista apresenta mais dificuldade sendo assim a mais importante para um bom desenvolvimento, a função do professor não é focar nos treinos técnicos e movimentos mais complexos, e sim utilizar a atividade física não só no contexto físico mas principalmente no social, utilizando atividades lúdica de maneira que a interação social seja necessária com outros alunos, e assim, podendo estimular a parte social de diferentes formas, estimulando a sua memória constantemente, e uma forma de trabalhar com esse público é utilizar a psicomotricidade que pode facilitar o entendimento e aumentar o interesse pelas atividades apresentadas, deixando mais leve a diversão, tornando as atividades em brincadeiras divertidas para chamar a sua atenção.

O TEA é um distúrbio do neurodesenvolvimento que normalmente os sinais são apresentados em crianças com menos de 3 anos de idade, não existe alguma comprovação científica que seja totalmente certa, de alguma influência externa mas sabe-se que alguns fatores como os fatores genéticos de 80 a 90% do risco de desenvolver TEA, mais de 2 milhões de pessoas participaram de uma pesquisa feita na Suécia que avaliava complicações no parto, a infecção na maternidade e uso de medicamentos e drogas durante o período de gravidez tinha relação direta com o autismo. O autismo pode ser encontrado em várias crianças que apresentam certas características como o atraso da fala, necessidade de terminar alguma tarefa que elas começaram com urgência e preocupação, uma resistência enorme a mudanças diárias no cotidiano, não gostam de ser tocadas, e a incapacidade de demonstrar as emoções (CASSIANO, 2011).

Foi realizado em 2014 o maior estudo sobre autismo revelando que fatores externos e ambientais são importantes, assim como a genética para o desenvolvimento do autismo. Trouxe dados totalmente diferentes aos anteriores vistos que atribuíam a genética como 80 a 90% do risco de desenvolver TEA. Mais de 2 milhões de pessoas participaram do estudo ocorrido na Suécia entre 1982 e 2006 que avaliavam complicações no parto, infecções na maternidade e uso de medicamentos e drogas durante a gravidez e a relação direta com o desenvolvimento do autismo. No Brasil a lei Romeu Mion (13.977) entrou em vigor em 2020, a lei possibilita a criação de carteira de forma gratuita para o portador de TEA. O documento tem a finalidade de facilitar o acesso a direitos previstos na lei Berenice Piana (FERNANDES, 2015).

Com o passar dos anos os estudos foram se aprimorando e foi surgindo novas ideias e conceitos de que o autismo era um transtorno cerebral que se inicia na infância, em 1965, Temple Grandin criou uma máquina de abraço, um equipamento que funcionava como um abraço com a ideia de acalmar pessoas com autismo, em 1978 o psiquiatra Michael Rutter denominou o autismo como o distúrbio do desenvolvimento cognitivo. E foi criado por ele uma forma de identificar o TEA com apenas 4 sinais, o primeiro: desvios sociais, segundo: dificuldade de comunicação, terceiro: comportamento estereotipado, e o quarto: se inicia normalmente antes dos 3 anos de idade(OLIVEIRA, 2015, p. 26).

O dia 2 de abril é uma data especial para o público autista, foi considerada pela ONU o dia mundial da conscientização do autismo, e tem o objetivo de atrair a atenção da população mundial e aumentar a conscientização das pessoas, porque o autismo afeta 70 milhões de pessoas da população mundial. Em 2012 teve um avanço enorme criando a lei Berenice Piana (lei 12.764/12), que instituiu a política de proteção dos deveres e direitos das pessoas com transtorno do espectro autista. A lei tem como benefício o acesso a diagnóstico precoce, terapias e tratamentos e medicações que são entregues pelo SUS, proteção social e igualdade de oportunidade no âmbito profissional e acesso a educação de qualidade, que de acordo com a instrução de Salamanca (BRASIL, 1994), a educação inclusiva destaca que todos os alunos precisam ter a possibilidade de realizar o ensino regular, e até mesmo aqueles com algum tipo de dificuldade sensoriais, cognitivas ou qualquer transtorno de comportamento (FERNANDES, 2015).

#### **4.2 Dialogando com os autores selecionados**

O estudo de Lordani e Blanco (2019) demonstra que elementos da psicomotricidade contribuem para o desenvolvimento escolar da criança e podem trabalhar em cima de suas fragilidades no aprendizado durante a educação infantil. Observou-se que durante o ensino fundamental, caso as crianças não tenham sido estimuladas no âmbito psicomotor na educação infantil, as mesmas apresentam atraso na psicomotricidade pela falta do estímulo.

Em concomitante, as pesquisadoras acima investigaram os professores e perceberam que, por mais que os professores conheçam sobre a psicomotricidade, poucos possuem formação ou conhecimentos mais específicos, e utilizam a psicomotricidade através da praxia global como pular, saltar, correr ou jogar. Essa atuação promove benefícios de movimento e equilíbrio para as bases do corpo, além de proporcionar maior flexibilidade e agilidade. No entanto, uma problemática do estudo acima é que, devido à restrição no conhecimento do que é psicomotricidade, os professores do ensino fundamental não utilizam a mesma de forma integral.

Trabalhar de forma integral a psicomotricidade não precisa ser uma tarefa difícil como Félix e Melo (2019) demonstram em seu estudo. Unindo a música, dança e outras experiências dentro do ambiente escolar, a psicomotricidade contribui para a lateralidade, o equilíbrio e a consciência corporal.

No entanto, complementando a percepção das autoras anteriores, a não utilização de forma integral também pode justificar-se pela falta de estruturação da rotina das crianças, e pelo não planejamento das ações. Uma das dificuldades é enxergar cada criança dentro de sua especificidade, pois cada uma vai demandar uma utilização da psicomotricidade, tanto com relação à idade, quanto com sua condição física ou mental, mas em qualquer delas a psicomotricidade se mostra essencial para a aprendizagem.

Crianças em condições físicas ou mentais que atrapalham sua aprendizagem possuem maior dificuldade de desenvolvimento psicomotor, possuindo dificuldades como manusear uma tesoura, pintar, na coordenação motora, na escrita, emocional abalado pela diferença dos outros e/ou bullying dos colegas, entre outras problemáticas. Para Ribeiro, Fernandes e Marques (2017) os aspectos a terem contribuição com a psicomotricidade nesse caso podem ser: desenvolvimento da coordenação viso-motora, da coordenação motora fina, da lateralidade, motivação e autoestima. Devendo a psicomotricidade ser trabalhada no Ensino Fundamental de maneira lúdica e não como mais uma disciplina obrigatória com conteúdo denso.

As dificuldades psicomotoras estão presentes na criança autista de forma diferenciada, pois como percebido por Santos e Melo (2018), através da realização de Testes de Avaliação Motora da EDM (Escala de Desenvolvimento Motor), as crianças com TEA têm habilidades motoras mais reduzidas, e apresentam idade motora de até 2 anos a menos do que a idade cronológica. Os aspectos avaliados por eles foram a motricidade fina e global, o equilíbrio, o esquema corporal e rapidez, a organização espacial e a linguagem e organização temporal. Apenas no teste de esquema corporal e rapidez a criança avaliada obteve idade motora compatível com a cronológica.

Félix e Melo (2019) em seus estudos, buscam estudar a utilização da psicomotricidade como ferramenta de desenvolvimento global das crianças na educação infantil e fundamental. Em uma de suas entrevistas com profissionais que trabalham numa escola da rede pública, os autores buscaram práticas pedagógicas que contribuem para o desenvolvimento da educação psicomotora de forma consciente aplicada pelos professores. “As crianças são recebidas com demonstrações de carinho e afeto. O afeto é um aspecto fundamental no cotidiano de uma sala de aula.”

Em outra entrevista com professores que atuam na área foi questionada a importância da psicomotricidade no desenvolvimento global da criança e houve êxito na resposta dada pelos professores: “é dada a importância da psicomotricidade no desenvolvimento global das crianças por contribuir no desenvolvimento de áreas cognitivas, afetivas, sociais, motoras e na linguagem.” Neste sentido, os professores entrevistados demonstraram estarem cientes sobre as contribuições da psicomotricidade para o desenvolvimento da criança.

Trabalhar a psicomotricidade em crianças com TEA não visa fazer com que tenham o mesmo desempenho que uma criança que não esteja no espectro, pois a primeira possui questões neurológicas e motoras diferentes e a criança com TEA está sujeita a atrasos no desenvolvimento. No entanto, o trabalho pode minimizar estes atrasos e potencializar os avanços, a exemplo o estudo realizado por Melo et al (2020) que ao aplicar a psicomotricidade em crianças autistas teve como resultado que os elementos psicomotores melhoraram ao longo das sessões. Por mais que haja dificuldades ao longo do processo, os resultados demonstram-se eficazes quando aplicados de forma regular. As contribuições obtidas no estudo

foram: melhora na apropriação do esquema corporal, evolução do equilíbrio, ampliação da percepção do espaço-tempo e coordenação dos gestos e movimentos.

Por outro lado, por mais que os estudos demonstram a importância da psicomotricidade na educação infantil para alunos que estejam no espectro autista, as dificuldades relatadas pelos professores são tanto da limitação de conhecimento mais aprofundado sobre a psicomotricidade quanto em relação ao trabalho com a criança no TEA. E também pela falta de auxílio na sala de aula ou fora dela para complementar suas atividades de maneira a compreender a singularidade de cada criança, o que faz com que a aprendizagem se dê através de estratégias pedagógicas que abarque todos os alunos ao mesmo tempo, sem dar ênfase nas maiores necessidades, capacidades e potencialidades do aluno, demonstrando que em muitas escolas falta um planejamento adaptado. Alguns profissionais de Educação Física não participam dos planejamentos de ensino, ou das discussões de caso dos profissionais sobre a criança com TEA, por vezes são segregados como não importantes no processo de aprendizagem, o que dificulta ainda mais a disseminação da psicomotricidade infantil (CATELLI; ASSIS; D'ANTINO, 2016).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Partindo do pressuposto de apresentar conceitos sobre o autismo e as contribuições da psicomotricidade para crianças com transtorno do espectro autista, foi utilizado no estudo a metodologia da pesquisa bibliográfica, buscando conceitos e embasamentos propostos por autores em seus estudos realizados anteriormente. O estudo demonstrou que a psicomotricidade é de extrema importância no desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social no desenvolvimento dos seus praticantes. A psicomotricidade é uma ciência que tem sido aplicada na escola nos últimos anos, visando o desenvolvimento global das crianças que praticam e crianças com transtorno do espectro autista se beneficiam da psicomotricidade e todos os seus benefícios em desenvolvimentos, por colaborarem bem em aspectos que precisam ser desenvolvidos com atenção por crianças com o espectro.

Indica-se que estudos posteriores sejam realizados com cautela para melhora da intervenção dos professores do ensino fundamental, auxiliados pela psicomotricidade, no desenvolvimento das crianças com TEA e capacitação dos mesmos.

## REFERÊNCIAS

- ÁBRIO, R. C.; CARNEIRO, R. U. C. **Inclusão escolar de estudantes com transtorno do espectro autista (TEA) no ensino fundamental II**. Temas em Educação e Saúde, Araraquara, v. 13, n. 2, p. 260–270, 2017. DOI: 10.26673/rtes.v13.n2.jul-dez.2017.9549.
- APA – American Psychological Association. **Manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**:- DSM-5. Artmed Editora. 2013
- AQUINO, M.F.S et al. A psicomotricidade como ferramenta da Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**. São Paulo, v.4, n.14, p.245-257. jan-dez. 2012.
- ARAÚJO, A. As contribuições da psicomotricidade na educação infantil. **Revista Educação pública**. Rio de Janeiro. Agosto de 2013
- BLUMER, L.; BORGES, J. C. **A importância da Psicomotricidade na Educação Especial**. In: Anuário da Produção Científica dos Cursos de Pós-Graduação, v. 5, n. 5, p. 153-178, 2010.
- BRASIL. **Diretrizes e bases da educação nacional**. Lei nº 9.394, capítulo V. 20 de Dez. 1996.
- CASSIANO, Walquiria. Projeto de TCC sobre autismo: temas atuais para artigo científico. Tese (Doutorado) – Curso de Jornalismo, **Studybay**, São Paulo, 2011.
- CATELLI, C. Q; ASSIS, S. B.; D’ANTINO, M. E. O transtorno do espectro autista e a educação física escolar: a prática do profissional da rede estadual de São Paulo. **CIAIQ2016**, v. 1, 2016.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Wak, 6ª ed. . 2012.

DOWNEY R, Rapport MJ. Atividade motora em crianças com autismo: uma revisão da literatura atual. **Pediatr Phys Ther**. 2012 Primavera;24(1):2-20.

FALKENBACH, A.P; DIESEL, D; OLIVEIRA, L.C. O jogo da criança autista nas sessões de psicomotricidade relacional. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas**, v. 31, n. 2, p. 203-214, 2010.

FERNANDES, Dra. Fátima Rodrigues. **Autismo e realidade**. Todos os direitos reservados. 2015. 19 f. Tese (Doutorado) – Curso de Medicina, Fundação José Luiz, Egydio Setúbal, Av Angélica, 2071 Consolação São Paulo, 2020.

FELICIANO, M. M. M. **O autismo nas séries iniciais do ensino fundamental: o desafio do ensino-aprendizagem**. VII CONEDU - Conedu em Casa... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/80872>>. Acesso em: 24/03/2023.

FELIX, M. I.; MELO, G. P. A. N. A psicomotricidade na educação infantil: um olhar sobre o desenvolvimento global das crianças. **Pró-Discente**, v. 25, n. 2, 2019.

FONSECA, V. Da motricidade à psicomotricidade. Porto Alegre: **Artmed**, 2010.

GESCHWIND, N. Autismo: definição, neurobiologia, tratamento e prevenção. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 33. 2011

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4ª. edição-São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**. São Paulo, v. 35, n.2, p. 57-63 Mar/Abr. 1995.

GOMES, R. A. T. A psicomotricidade na escola: sua relevância no processo de escolarização. **Cadernos PDE**. volume 2, 2013.

GORLA, J. I. **Coordenação Motora de Portadores de Deficiência Mental:**

**Avaliação e Intervenção.** Dissertação (Mestrado em Educação Física).

Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2001.

KANNER, L. **Autistic disturbances of affective contact.** *New Child*, v. 2, p. 217, 1943.

LABANCA, M. S. G; Autismo e o Professor de Educação Física. **Revista Sprint Body Science.** Nov./Dez. 2000.

LE BOULCH, J. A educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

LORDANI, S. F. S.; BLANCO, M. B. Educação Psicomotora como prática pedagógica na educação infantil. **ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE**, 2019.

Lourenço, L. M. Cunha, F. F., Santos, S. S., & Lourenço, L. F. Psicomotricidade no Ensino Fundamental: um olhar para o desenvolvimento integral. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, 11(esp.1), 628-641. 2016

MARQUEZE, L.; MAVAZZI, L. **Inclusão de Autistas nas Aulas de Educação Física.** VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. Londrina de 08 a 10 novembro de 2011 – ISSN 2175-960X – Pg. 1945-1956.

MATSON, J.L.; STURMEY, P. **Intervenções em Transtornos do Espectro Autista.** In: TSAGANIKOS, E. (Org.). *Transtorno do Espectro Autista: Guia Prático para Profissionais de Saúde.* São Paulo: **Blucher**, 2019. p. 191-205.

MATTOS, V.; KABARITE, A. Avaliação psicomotora: um olhar para além do desempenho. Wak, 2016.

MELO, J. S. et al. A psicomotricidade e a educação física adaptada no desenvolvimento de crianças com transtorno do espectro autista. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 5, p. 27179-27192, 2020.

MONTEIRO, V. A. **A psicomotricidade nas aulas de Educação Física Escolar: uma ferramenta de auxílio na aprendizagem.** *Revista Digital*, Buenos Aires, Ano 12, n. 114, 2007.

MORAIS, A. P. O; ANJOS, J. M. **Educação especial: Autismo no ensino fundamental II da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Casimiro de Abreu.** 2016.

OLIVEIRA, D. A. **Nova gestão pública e governos democráticos-populares: contradições entre a busca da eficiência e a ampliação do direito à educação.** Educação e Sociedade , Campinas, v. 36, n. 132, p. 625-646, jul./set. 2015.

PEREIRA, R. G.; FERNANDES , F. D.; LIMA, R. A. **Psicomotricidade e Transtorno do Espectro Autista: Uma revisão sistemática. Revista de Educação, Ciência e Tecnologia, 2(2), 72-82.** 2018.

RIBEIRO, T. L.; FERNANDES, R. N.; MARQUES, W. S. **Ludicidade e Psicomotricidade: o uso do lúdico na intervenção de uma criança com dificuldade psicomotora.** In: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO.** 2017.

RODRIGUES, J. M. C.; SPENCER, E. **A criança autista: um estudo psicopedagógico.** Rio de Janeiro: Wak, 2010.

SANTOS, A. G. da S. **Educação Física e Psicomotricidade nos Anos iniciais do ensino fundamental da Escola 317 de Samambaia.** 2012. Monografia (Especialização em Educação Física) – Curso de Licenciatura em Educação Física do Programa Pró-Licenciatura da Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SILVA, G. **Como trabalhar a psicomotricidade na educação infantil.** Educa Mais Brasil. 2019.

STRAPASSON, A.; CARNIEL, F. **A educação física na educação especial.** Revista, Buenos Aires, ano 11, n. 104, 2007.

TOMÉ, M. C.; **Educação Física como Auxiliar no Desenvolvimento Cognitivo e Corporal De Autistas. Movimento e Percepção.** São Paulo, v. 8, n. 11, p. 231-248, Dezembro, 2007.

VILA, Carlos; DIOGO, Sandra; SEQUEIRA, Sara. **Autismo e Síndrome de Asperger.** 2009. Disponível em: < <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL014.pdf>> Acesso em: 07 de Agosto.



## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos aos nossos pais e familiares que deram todo o suporte.

Ao nosso orientador Prof. Dr. Edilson Laurentino dos Santos

Aos nossos professores da instituição que contribuíram com conhecimento durante o curso, que nos possibilitou a conclusão dessa pesquisa.